

# **CORPO FEMININO: CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA E DISCURSIVA EM CORA CORALINA**

**Sueli Gomes de Lima**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) -  
Campus Uberlândia

**Resumo:** Tendo como base teórica os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa - preconizada por Michel Pêcheux – e as contribuições do pensamento do filósofo Michel Foucault, nosso artigo apresenta algumas reflexões sobre a constituição histórica e discursiva do corpo feminino - enquanto objeto que representa a materialidade do sujeito - perpassado pelas relações de poder e por meio das quais ele (o corpo) se investe, se reveste de saberes. Numa perspectiva discursiva, vamos apontar uma das identidades femininas poetizadas em Cora Coralina para desvelar as instâncias em que temos a representação do feminino como efeito de processos de construções identitárias do corpo-sujeito discursivo coraliniano.

**Palavras-chave:** Corpo feminino; discurso; sujeito; identidade.

**Abstract: The female body: historical and discursive constitution in Cora Coralina.** French Discourse Analysis (FDA) principles, under the studies of Michel Pechêux as well as the contributions of Michel Foucault were used as the theoretical support for this article, which presents some reflections on the female body historical and discursive constitution – as an object that portraits the subjects materiality – perpassed by power relations and through which (the body) vests and recovers itself of knowledge. In a discursive perspective, we are going to present one of the female identities poetized in Cora Coralina in order to uncover the positions in which we have the female body representation as a result of the identity construction process of the “coraliano” discursive body-subject.

**Keywords:** Female body; discourse; subject; identities.

## **Discurso, Sujeito e Corpo**

Desde Saussure, as perspectivas utilizadas nos estudos da língua(gem) têm sido diversas e, às vezes, divergentes. As diversas abordagens, com seus princípios teóricos e metodológicos, propõem pontos de vista diferentes e novos modos de observação dos fenômenos linguísticos. Nesses caminhos dos estudos da linguagem, desloca-se a noção de

língua como um sistema essencialmente formal, concebendo-a como um fenômeno complexo, lugar de conflitos, a partir do qual emergem questões históricas e sociais. Ao focalizar essas questões a partir de dada materialidade linguística, chegamos ao discurso, cuja produção e circulação se dão no meio social, pela tomada de posição dos sujeitos. As posições dos sujeitos, por sua vez, são definidas a partir dos lugares sociais

que ocupam e do espaço delimitado por regras sócio-históricas.

No que tange ao sujeito, podemos perceber que o funcionamento discursivo não é produzido por ele, mas ele (o sujeito) subjaz ao discurso. Isso significa que o sujeito não pode dizer tudo; ao contrário, o sujeito estará sempre sob a dependência do interdiscurso (a exterioridade que o constitui) e, somente nessa condição, ele terá acesso ao que pode e deve ser dito. Daí que o sujeito não é dono de seu dizer; paradoxalmente, é seu dizer que se circunscreve na ordem do discurso (FOUCAULT, 2004b).

Sob esse enfoque, o sujeito é efeito do discurso. A constituição do sujeito se dá por meio das práticas discursivas e, nesse processo, o sujeito sofre deslocamentos no âmbito das formações discursivas. É dessa forma que temos a noção de sujeito enquanto uma posição discursiva, enquanto uma existência em um dado lugar social.

No rol dos estudos em Análise do Discurso, constitui ponto de reflexão para o avanço desse campo disciplinar o pensamento do filósofo Michel Foucault. Sem objetivar a construção de uma teoria do discurso, assim como o fez Pêcheux, podemos dizer que uma teoria do discurso vai se configurando e constituindo o cerne da obra de Foucault.

Michel Foucault desenvolve um percurso teórico construído sobre as bases de investigação de três eixos temáticos: os saberes, os poderes, a ética e a estética de si e, nesse percurso, entram em cena os modos de subjetivação do homem. Ao teorizar sobre os procedimentos de subjetivação, Foucault, também, marcará um ponto de encontro entre o sujeito, a linguagem e a história, pois, suas reflexões estarão centradas nas relações entre os discursos, os sujeitos e a história.

Evidentemente, ao analisar os acontecimentos discursivos na sociedade, a categoria de sujeito será, também para Foucault, uma categoria essencial: “finalmente tentei estudar [...] o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito. [...] Assim, não é o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral de minha pesquisa” (FOUCAULT, 1995, p. 232).

A partir disso, vamos evidenciar a contribuição de Foucault para a Análise do

Discurso e descrever algumas considerações a respeito do conceito de sujeito na formulação de sua teoria.

Para Foucault, o sujeito é da ordem do enunciado, do discurso, o que significa dizer que, também para esse autor, a noção de sujeito está ligada à linguagem. O sujeito é construído por meio das práticas discursivas, ou seja, é partindo das relações entre o sujeito e o discurso que Foucault propõe uma concepção de sujeito que é produto das práticas discursivas:

se uma proposição, uma frase, um conjunto de signos podem ser considerados “enunciados”, não é porque houve, um dia, alguém para proferi-los ou para depositar, em algum lugar, seu traço provisório; mas sim na medida em que pode ser assinalada a posição do sujeito. Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que disse (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito (FOUCAULT, 2004a, P. 108).

Foucault mostra, ao descrever as modalidades enunciativas, que o sujeito é disperso, descontínuo; não há a unidade de um sujeito e nem mesmo há um sujeito que pensa, que conhece e sabe o que diz. O autor questiona a idéia de sujeito unificado, preexistente ao discurso, pois é a partir do acontecimento discursivo que o sujeito tem a possibilidade de ocupar um lugar e, a partir desse lugar, saber o que dizer, quando e de que modo. O sujeito, assim como o discurso, é disperso:

as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala (FOUCAULT, 2004a, p. 61).

Ao desenvolver a análise das formulações que constituem o enunciado, Foucault vai teorizar sobre a *posição-sujeito*. A posição-

sujeito é um lugar a ser ocupado pelo sujeito e, como tal, “que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 113). Ou seja, para enunciar, os sujeitos devem ocupar posições, determinadas por regras sócio-históricas e, essas posições são diferentes para cada enunciado.

Foucault não concebe o sujeito do enunciado como causa, origem ou autor de uma formulação; o sujeito é uma função vazia que pode assumir diversas posições:

é um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma (FOUCAULT, 2004a, p. 107).

Na produção foucaultiana, encontramos um conjunto de dispositivos que seleciona, regula e controla os modos de subjetivação na constituição dos sujeitos. Os sujeitos subjetivados são resultantes de formações e práticas discursivas, que se inscrevem nas relações de saber/poder.

De uma maneira resumida, podemos visualizar o sujeito enquanto objeto de saber na *arqueologia* – análise voltada para as questões epistemológicas; o sujeito enquanto objeto de poder se mostra na *genealogia* – análise que trata das relações de poder; finalmente, o sujeito enquanto objeto de construção subjetiva apresenta-se na *ética e estética de si* – análise dos processos de constituição de si mesmo como sujeito. Assim, o sujeito – na perspectiva foucaultiana – resulta de um processo de subjetivação construído nas relações de saber e poder de forma social e coletivamente. Para Foucault, o sujeito não é um dado pré-existente, homogêneo e imutável, mas resultado de um processo em que se imbricam relações de poder e de saber.

Na concepção de Foucault, o poder não emana de um centro, ao contrário, o poder emana de uma relação de forças em um determinado embate, combate ou confronto. O poder está em toda parte, em todos os lugares. Segundo Foucault (2006, p. 07) “o poder nunca é aquilo que alguém detém, tampouco é o que emana de alguém. O poder não pertence nem a alguém nem, aliás, a um grupo; só há poder porque há dispersão, intermediações, redes, apoios recíprocos, diferenças de potencial, defasagens, etc.”.

Nesse percurso teórico, Foucault fala do corpo do sujeito tendo como perspectiva os saberes e os poderes. Assim como o sujeito, o corpo também não é um dado pré-existente, homogêneo e imutável, mas é efeito de um processo que implica a língua, a história, o saber e o poder. O corpo seria a materialidade do sujeito, o qual se constitui por meio de imbricações de relações discursivas e de poder que se dão no meio social. Portanto, a discursividade do corpo se dá pela captura deste a uma ou várias formações discursivas, inscrevendo-o na ordem do discurso em um dado espaço social. Daí que não há sujeito fora de um corpo, assim como não há corpo fora de um campo social.

Nessa perspectiva, não se trata, portanto, de um corpo biológico, ou orgânico, ou físico; não se trata de um corpo definido e delimitado, mas o corpo enquanto objeto discursivo perpassado pelas relações de poder e por meio das quais ele (o corpo) se investe, se reveste de saberes. Por meio de intermediações da língua, da história, da memória e do funcionamento do poder é que temos a emergência do corpo discursivo. Esse corpo discursivo é efeito de um constante processo que se configura por meio das práticas discursivas e das práticas socioculturais. Esse efeito, então, se configura como um corpo individualizado, subjetivado, um corpo investido de saber. Trata-se, assim, de “um corpo que funcione como suporte para o sujeito, para o exercício da função-sujeito” (FERNANDES, 2012, p. 59). Nesse sentido, no corpo individualizado temos a representação de uma corporeidade social, haja vista que esse corpo, e também o sujeito, se constituem pelo laço social, perpassados, atravessados pelo discurso.

A seguir, procederemos à análise da representação do corpo em um poema de Cora Coralina. Essa escritora – Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – ou Cora Coralina – nasceu na Cidade de Goiás, em 20 de agosto de 1889, no seio de uma família tradicional, em tempos difíceis para o Brasil. O país vivia um momento de turbulência econômica, política e social em função da abolição da escravidão em 1888 e da instalação da República em 1889. No espaço doméstico, hostil aos seus anseios, Cora descobre seu prazer maior: a leitura e a poesia. Ao ultrapassar as fronteiras desse espaço, as manifestações discursivas coralinianas vão representar, pelo viés da produção literária, um discurso que evidencia luta e resistência social. É nessa perspectiva que Cora Coralina, ao burlar os códigos de urbanidade que a impediam de atuar como escritora, funda seu dizer poético caracteristicamente marcado por um discurso de resistência à exclusão social. É nesse contexto que afirmamos e reconhecemos o espaço discursivo que se constitui na poesia de Cora Coralina, a qual aborda os temas cotidianos e o lado obscuro da vida de sua gente. Constatamos, em seus poemas, a polifonia – diferentes vozes sociais – com a finalidade de ressignificar as práticas históricas, políticas e culturais e, assim, possibilitar modos de resistência que provoquem deslocamentos nos meios sociais.

Sob essas condições de produção, buscamos fazer uma análise da representação do corpo feminino na poesia de Cora Coralina. Essas condições de produção nos possibilitam verificar em que medida as relações sociais vão permitir a configuração de um (ou vários?) corpo-sujeito feminino, haja vista que essas condições de produção são históricas, políticas e, sobretudo, apresentam-se contraditórias.

Pretendemos verificar em que medida as condições sociais, históricas e ideológicas possibilitam a construção histórico-discursiva do corpo feminino no dizer coraliniano, o qual se inscreve numa posição discursiva ideologicamente marcada por um movimento de ruptura, de resistência à coerção e à discriminação social.

### **Representação do corpo feminino em “O cântico de Dorva” de Cora Coralina**

Numa perspectiva discursiva, vamos apontar uma das identidades femininas poetizadas em Cora Coralina para desvelar as instâncias em que temos a representação do feminino como processos de construções identitárias do corpo-sujeito discursivo coraliniano.

Nessa produção literária, verifica-se a recorrência a identidades femininas na representação de um discurso que rompe com outros discursos considerados conservadores e detentores de poder para a manutenção da exclusão social. O caráter de ruptura fica evidente quando o sujeito-autor se inscreve numa instância ideológica que revela sua cumplicidade com as “vidas femininas esquecidas, pobres, marginalizadas” (TEIXEIRA, 2005, p. 54).

Como a identidade e a identificação estão sujeitas à mistura, à transformação, suas reconfigurações são produzidas por formas e padrões culturais distintos e variantes e inscritas diferentemente pelas relações de poder. Segundo Hall (2006), “estamos sempre em processo de formação cultural e cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. A cultura, embora dependa da tradição, é sempre uma produção, uma mutação que produz a nós mesmos como novos sujeitos, novas identidades culturais. É por esse viés que vamos apreender a identidade feminina que, silenciada nas sociedades patriarcais, terá seus anseios verbalizados na enunciação de discursos representativos de vozes oprimidas e excluídas. Vamos analisar os dizeres que remontam ao feminismo, enquanto processos de construções identitárias, e observar, pelo fio do discurso, uma postura identitária que resiste à discriminação e também combate a exclusão social. São, portanto, construções identitárias que se configuram como forma de resistência.

Pretendemos, com essa análise, mostrar as inscrições discursivas coralinianas, as quais revelam as construções identitárias resultantes de uma subjetivação sociocultural, em que mesmo discorrendo sobre a mulher, não se

trata de uma luta feminista. Mas, o sujeito-autor, por meio da linguagem poética, denuncia as funções sociais programadas para as mulheres, conforme a ideologia imposta pela sociedade capitalista e patriarcal.

Para apresentar nossa análise, vamos selecionar fragmentos do poema “O cântico de Dorva”, publicado em Meu livro de corddel, o qual compõem o conjunto da obra poética de Cora Coralina.

“O cântico de Dorva” se inscreve numa formação discursiva que coloca a questão sexual com muito realismo, ao registrar as pulsões da carne por meio de expressões transbordantes de sensualidade e erotismo desveladas no corpo. Os efeitos de sentido dos enunciados provocam a dessacralização do discurso religioso e instauram o dizer erótico-sexual que tem como porta-voz o corpo-sujeito que se subjetiva por meio da sexualidade.

#### Fragmento 1

Dorva se chama Dorvalina.  
Cabeça amarrada com lenço de chita.  
Vestido grosseiro, apertado, descosturado.  
Braço grosso, mãos vermelhas.  
Perna grossa cabeluda.  
Dorva de pé no chão:  
pé curto – descalço, esparramado  
fincado no chão.  
Dorva, toda – estua sexo: vida nova.

Dorva é moça da roça.  
Dorva lava roupa na tina:  
roupa grossa de homem – calça mescla,  
camisa de riscado.  
Geme o sarilho do poço.  
Tibum... a lata vem cheia d’água.  
Vai ensaboando,  
vai cantando:  
laranja da China  
limão bravo, cana doce  
se encontra aqui  
se encontra acolá.  
Pra dá, pra vendê  
pra quem quisé  
pra quem passá.  
Se dá fogo, se dá água  
Não pode negá.  
A cantiga de Dorva:  
alta, gritada

Bramido de fêmea –  
apelo enfeitado. (CORALINA, 2001b, p. 56-57)

Nesse fragmento, o sujeito discursivo coloca o sexo em discurso ao explicitar a conduta visivelmente libidinoso da personagem: Dorva, toda – estua sexo: vida nova / Dorva é moça da roça / Dorva lava roupa na tina: roupa grossa de homem – calça mescla, camisa de riscado / Vai ensaboando, vai cantando / A cantiga de Dorva: alta, gritada / Bramido de fêmea – apelo enfeitado. Percebemos que a temática do poema está voltada para uma adesão definitiva aos prazeres do corpo. O sujeito discursivo destaca a figura de Dorva, ressaltando-lhe a sensualidade e a volúpia. Essa imagem da mulher voluptuosa torna-se repulsiva para a sociedade que, conforme os códigos de comportamento da moral religiosa, não aprova esse papel sexual para as mulheres. Segundo os discursos proliferados pela ideologia cristã, à mulher não é permitido o sexo-prazer, sendo necessária, portanto, a continência sexual visando à privação dos prazeres, bem como a discricção com relação aos prazeres da carne.

A partir do Concílio de Trento, no século XVI, a pastoral cristã estabeleceu o hábito da confissão como ritual para a purificação das almas. Com a prática do confessorário, todos os prazeres relacionados ao sexo deveriam ser submetidos à confissão. Os prazeres sexuais eram tidos como atos pecaminosos e, por isso, deveriam ser confessados para que houvesse a purificação da alma, haja vista que, “na doutrina cristã da carne, a força excessiva do prazer encontra seu princípio na queda e na falta que marca desde então a natureza humana” (FOUCAULT, 2003, p. 48).

Conforme palavras de Silva, temos:

[...] Foucault contesta a hipótese da sexualidade reprimida, defendendo que a sexualidade é um dispositivo histórico sustentado por discursos, saberes e poderes.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Deleuze (1992) observa que em *A vontade de saber*, pode-se perceber a queda de pelo menos dois postulados tradicionais: o postulado do recalçamento, segundo o qual a sociedade reprime os desejos e

O autor não nega que o sexo vem sendo reprimido, mas afirma que essa interdição não é o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se pode escrever a história do sexo. Para ele, historicamente, existem dois procedimentos para produzir a verdade do sexo: ars erotica, própria de civilizações como Roma, Índia, China, etc., buscavam no saber sobre o prazer formas de ampliá-lo, era um saber de dentro, onde a verdade sobre o prazer é extraída do próprio saber; e scientia sexualis, que, desde a Idade Média, configurou-se no ocidente onde a confissão tem sido central na produção de saberes sobre o sexo. A nossa civilização foi levada a internalizar a obrigação de confessar tudo, expor seus prazeres (SILVA, 2004, p. 54).

Até o século XVII, havia um silêncio sobre as questões relativas ao sexo. Posteriormente, houve, principalmente na religião católica, uma incitação dos discursos sobre o sexo (SILVA, 2004, p. 55), o que levou os cristãos a confessar seus pensamentos, desejos relacionados ao sexo. Segundo Foucault, esse colocar o sexo em discurso – sob a forma de confissão – é um dispositivo que leva os indivíduos a uma sujeição e, assim, é possível ter o controle sobre o sexo, colocando-o sob o poder da moral reinante. Para o autor, os indivíduos são incitados a falar sobre o sexo, pois, o ato de falar de sexo constitui um dispositivo de poder. A prática da confissão configura-se como um meio de regulação, de controle dos impulsos do corpo:

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado. Pode ser que se

---

instintos dos indivíduos. Para Foucault, não existe repressão sexual, o que há é uma ‘interdição’, onde o sexo é proibido e escondido apenas para ser incitado e incessantemente revelado, ou seja, as categorias de ‘repressão/interdição’ são substituídas pela de ‘controle’; e o postulado hermenêutico do desejo, segundo o qual há, por detrás de qualquer ação humana, um sentido oculto a ser descoberto. Foucault rebela-se contra a confissão como ‘um critério de verdade’ e acredita que ela constitui uma estratégia do poder.

tenha codificado toda uma retórica da alusão e da metáfora. Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discricção: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais. Ela se integra nessa política da língua e da palavra – espontânea por um lado e deliberada por outro – que acompanhou as redistribuições sociais da época clássica (FOUCAULT, 1990, p. 21-22).

Portanto, a pastoral cristã coloca um cerceamento dos prazeres libidinais, submetendo-os ao crivo da prática confessional. Trata-se de um poder que reprime e proíbe a atividade sexual enquanto experiência de desejo, de prazer.

Ressaltamos, então, que o sujeito discursivo se apropria da temática sexual para transgredir a ordem proposta pelo discurso da pastoral cristã. Ao discursivizar a volúpia do corpo feminino – representado na caracterização da personagem “Dorva” – há uma ruptura com o instituído social que se refere ao discurso religioso, o qual promove a exclusão do comportamento sexual da mulher liberada. Ao mesmo tempo em que rompe com o discurso instituído socialmente, o sujeito discursivo marca uma posição-sujeito que se constitui no processo de identificação com temas ligados à sexualidade. Opondo-se à ideologia religiosa, o sujeito coloca em cena um comportamento tido como proibido e, desse modo, pode objetivar sua resistência em forma de discurso, podendo, inclusive, provocar mudanças no discurso socialmente cristalizado.

Ao romper com o discurso religioso, o sujeito da enunciação se objetiva por meio de elementos de identificação com um outro lugar social, pois, diante de vários lugares que possa ocupar no espaço discursivo, vai assumir uma posição enunciativa que representa sua resistência ao discurso religioso. Ou seja, o sujeito constitui sua

identidade individual pelo processo subjetivo vinculado aos acontecimentos e práticas socioculturais que o constituem. Como as práticas sexuais são inerentes à condição humana, o sujeito-enunciador deixa que a personagem exprima seus desejos sexuais e lhe confere uma posição subjetiva de assujeitamento a uma ordem social contrária à ideologia cristã. O sujeito discursivo inscreve-se em um campo enunciativo socioideológico contrapondo-se ao discurso da moral religiosa e tem sua posição subjetiva marcada pela ideologia da sexualidade.

### Fragmento 2

Boiadeiro vem vindo devagar...  
Os homens lá no eito  
relanceiam enxadas.  
O milharal chama Dorva.  
O cheiro da terra chama.  
O arrozal tem seus ninhos  
chamando Dorva.  
Um assovio fino, espraído  
fere Dorva.  
Larga a roupa, deixa a tina.  
Torce o vestido mesmo no corpo,  
molhado na barriga.  
Olha pra os lados.  
Gritam as angolas. Grita um bem-te-vi.  
Dorva afunda no milharal.

O ninho de Dorva.  
A cama de Dorva  
de palha e folha  
na terra.  
Deixa-se cair  
sentada, deitada.  
Sobre seu ventre liso, redondo  
Desnudo,  
salta o macho.  
Um ofego de posse  
Tácito.  
Sexo contra sexo.  
Aquele cântico de Dorva,  
aquele chamado – piado de fêmea:  
obscuro  
aflictivo  
genésico  
instintivo  
veio vindo... veio vindo...  
Rugindo  
chorando  
gritando  
apelando

do fundo dos tempos  
do fundo das idades. (CORALINA,  
2001b, p. 57-58)

O corpo-sujeito se constitui, discursivamente, marcado pela história e pela ideologia. Percebemos no fragmento acima que o sujeito inscreve em seu dizer discursos que retratam aspectos da vida cotidiana, porém, de modo inusitado e polêmico, ao colocar em cena, explicitamente, o ato sexual consumado: *O ninho de Dorva / A cama de Dorva / de palha e folha / na terra. / Deixa-se cair / sentada, deitada. / Sobre seu ventre liso, redondo / desnudo / salta o macho.* A atividade sexual de Dorva é abordada pelo sujeito-enunciador como uma motivação para a sua transgressão discursiva. Por tratar-se de um tema proibido, segundo o preceito moralista-cristão, o sujeito, “desobedecendo” ao preceito religioso e colocando o encontro sexual objetivado em forma de discurso, opõe-se à ideologia moralista tão cristalizada socialmente e marca uma posição subversiva, de resistência aos valores consagrados por uma sociedade intolerante às práticas sexuais liberadas. O sujeito se constitui, então, por um lugar sócio-histórico e ideologicamente preterido pela história e pela ideologia da Igreja cristã, a qual rejeita o sexo enquanto objeto de prazer, pois, na pastoral cristã, “o objetivo das relações sexuais não deve estar na volúpia, mas na procriação” (FOUCAULT, 2003, p. 130).

Ainda, conforme Foucault, temos:

na doutrina cristã da carne também se encontrarão facilmente temas bem próximos de inquietação: a violência involuntária do ato, seu parentesco com o mal e seu lugar no jogo entre a vida e a morte. Mas Santo Agostinho verá, na força irreprímível do desejo e do ato sexual, um dos principais estigmas da queda (esse movimento involuntário reproduz no corpo humano a revolta do homem sublevado contra Deus); a pastoral fixará, num calendário preciso, e em função de uma morfologia detalhada dos atos, as regras de economia a que convém submetê-los; enfim, a doutrina do casamento conferirá à finalidade procriadora o duplo papel de garantir a sobrevivência ou mesmo a

proliferação do povo de Deus, e a possibilidade para os indivíduos de não destinar, através dessa atividade, sua alma à morte eterna (FOUCAULT, 2003, p. 124-125).

Em oposição à ideologia cristã, o sujeito discursivo faz referência à sexualidade como tema prevalente de seu dizer e, desse modo, polemiza os rígidos códigos religiosos.

Há um afrontamento, ainda mais evidente, à posição conservadora da sociedade, quando o sujeito discursivo enuncia a atitude sensual e liberada de Dorva: *Boiadeiro vem vindo devagar... / O milharal chama Dorva. / O cheiro da terra chama. / O arrozal tem seus ninhos / chamando Dorva. / Um assovio fino, espraído / fere Dorva. / Larga a roupa, deixa a tina. / Torce o vestido mesmo no corpo, / molhado na barriga. / Olha pra os lados. / Dorva afunda no milharal.* A personagem Dorva, interpelada, se assujeita ao desejo, ao prazer sexual, rompendo com comportamentos ditados por uma ordem social dominante: a ordem da moral religiosa que reprime essa forma de conduta, principalmente, para as mulheres. Do ponto de vista religioso, o prazer sexual não é conveniente, pois, o sexo deve ser praticado, à revelia do prazer, objetivando, apenas, a procriação.

Há um movimento discursivo de explicitação da prática sexual vivida por Dorva: *Um ofego de posse / tácito. / Sexo contra sexo.* Esse movimento discursivo revela-se crucial para a constituição subjetiva do sujeito, porque o enunciado foge à normalidade ao explicitar a prática de sexo de uma mulher (moça da roça), ao mesmo tempo em que mostra a identificação do sujeito discursivo com o discurso da sexualidade, que o subjetiva e o constitui. Para Foucault, os indivíduos se conformam às identidades histórico-culturais por meio do exercício de poder e submissos a ele e, ao se conformarem a uma identidade, expressam um modo de subjetividade. Ou seja, os modos de subjetivação se dão nas relações de poder, nas práticas cotidianas e, então, o corpo-sujeito é subjetivado pelas identidades culturais de uma dada época e se estabelece por meio das práticas discursivas. No nosso caso, o corpo-

sujeito discursivo é o resultado de experiências sociais, históricas, culturais e ideológicas no campo da sexualidade.

*Aquele cântico de Dorva, / aquele chamado – piado de fêmea: / obscuro / aflitivo / genésico / instintivo / veio vindo... veio vindo... / Rugindo / chorando / gritando / apelando do fundo dos tempos / do fundo das idades.* Nesse excerto, podemos perceber a constituição subjetiva do corpo-sujeito pela exterioridade, fincada na sua condição sexual. O sujeito-enunciador, utilizando-se de uma linguagem metafórica – aquele cântico de Dorva –, expõe a condição de assujeitamento ao desejo de sexo, à excitação, uma vez que o desejo se mostra de modo intenso e constitutivo do corpo-sujeito, pois, o subjuga a tal ponto de levá-lo à concretização desse desejo. Essa idéia se reforça ainda mais com o seguinte excerto: *aquele chamado – piado de fêmea, com o qual podemos inferir que há um desejo sexual latente e que a personagem, à revelia de sua condição feminina, não se esquivava dele, mas, antes, expressa seu desejo na forma de um chamado, piado tal qual um convite ao deleite sexual. O desejo latente “ressurge” obscuro / aflitivo / genésico / instintivo / veio vindo... veio vindo... como uma voz interior que aos poucos se constitui rugindo / chorando / gritando / apelando / do fundo dos tempos / do fundo das idades e projeta o corpo-sujeito para a participação no sexo-prazer.*

Como podemos perceber, há um processo de constituição da subjetividade do corpo-sujeito por meio da enunciação, a qual vai revelando e acentuando uma posição-sujeito que remete à formação discursiva que contradiz as regras sociais e religiosas. O sujeito é convocado a ocupar um lugar por meio de estruturas discursivas e, assim, ocorrem as práticas de autoconstituição subjetiva, o que, para Hall (2003), trata-se de uma teorização de como os sujeitos são constituídos.

No fragmento acima, o sujeito-enunciador opera seu discurso, contrapondo-se à moral e aos bons costumes, idealizados socialmente, em conformidade com a filosofia religiosa. Ao se contrapor ao comportamento histórico-social estabelecido pela moral cristã, o corpo-sujeito busca uma identificação por meio de



um embate discursivo com as regras normativas ou regulativas impostas pelo discurso religioso. Assim, a personagem Dorva é capaz de ceder aos impulsos sexuais e buscar uma identidade de resistência, a qual provoca uma desestabilização na ordem do discurso moral estruturado sob preceitos que reprimem as práticas sexuais tidas como desmoralizantes.

Segundo Foucault (1995), esse processo de resistência provoca um movimento de subjetividade no qual há possibilidade, para o sujeito, de se constituir de modo singular, de marcar a diferença: a sua singularidade.

### Considerações Finais

Percebemos, pelos efeitos de sentido dos fragmentos analisados, que o sujeito-enunciador apodera-se de uma temática sexual, pelo viés da poesia, para mostrar a constituição subjetiva do corpo-sujeito discursivo, o qual se vê interpelado pelos desejos sexuais e, aliando-se a essa interpelação, marca sua construção identitária pela sexualidade, ou seja, é capaz de se reconhecer como sujeito de uma sexualidade.

Vislumbramos a constituição do corpo-sujeito pela temática da sexualidade. Pelo dispositivo da sexualidade, o qual envolve práticas discursivas e não discursivas referentes ao sexo (FOUCAULT, 1990), temos, constituído, um corpo-sujeito de sexualidade. Sendo as práticas sexuais regidas pela moral religiosa, temos a configuração do sujeito de sexualidade marcado por uma identificação contrária ao discurso religioso.

Cora Coralina, como sujeito-autor, marca uma posição identitária estigmatizada e considerada “imoral”, uma vez que coloca em evidência um comportamento atípico para a mulher, no que diz respeito ao corpo e ao prazer. Os sujeitos discursivos, interpelados pelo discurso da sexualidade, promovem deslocamentos, rompem com paradigmas dominantes e contribuem para desestabilizar a repressão sexual que marca a condição feminina. Os efeitos de sentido desses discursos marcam um posicionamento de

resistência ao afrontar a moral sexual patriarcal e cristã.

### Referências

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. 9ª ed. São Paulo: Global, 2001b. 110 p.

FERNANDES, C. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012. 106 p.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1 – a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990. 152 p.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P., DREYFUS, H. **Uma trajetória filosófica – Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 229-249.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003. 232 p.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004 a. 236 p.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2004 b. 79 p.

\_\_\_\_\_. **O Poder Psiquiátrico**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 511p.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 103-133.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora – Identidades e mediações culturais**. SOVIK, L. (Org.). Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et

al]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. 434 p.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem – Discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

SILVA, M da C. F. **Foucault e a arqueogenealogia do sujeito**. In: FERNANDES, C. A. [et al.]. **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, 2004. p. 27-69.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e Psicanálise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 21.

*Recebido em: 02 de junho de 2013*

*Aceito em: 10 de agosto de 2013.*